



LEITURA DE UM CLÁSSICO: “HISTÓRIA DA LINGUÍSTICA” DE JOAQUIM MATTOSO CAMARA JR. ¹

Manoela Antunes Ferreira Moraes – G/UEMS

Resumo: A proposta é deste trabalho é colocar em cena algumas ideias do clássico de Matto Camara Jr, um dos percussores dos estudos linguísticos brasileiros, assim, para ele, o estudo da linguagem surge a fim de conservar inalterada a linguagem correta das classes superiores em seu contato com os outros modos de falar dentro dessa sociedade. É este tipo de estudo que cria o que conhecemos por gramática. Ele não possuir gramática significa que o falante em questão não dominou os traços linguísticos mantidos pelas classes superiores, marca está de seu status. Este é um estudo desses traços sistemáticos, “O Estudo do Certo e Errado”.

Palavras-Chave: Língua, Linguagem, Linguística, História.

A linguagem é algo tão comum nos dias de hoje, que não damos o devido valor aqueles que lutaram tanto para fazê-la ser o que é hoje, simples e trivial. Foi através de muitos estudos, teorias e fundamentos que se chegou a esta facilidade, uma lista de tipos de línguas, e muitos estudiosos que colaboraram com tais feitos.

A sociedade colaborou muito com o desenvolvimento da linguagem, pois ela pode se desenvolver através do impacto de fatores sociais e culturais de um determinado grupo social, que reflete suas maneiras de comportamento, etc. Com isso, as classes superiores tentam impor seu padrão cultural e lingüístico as classes inferiores, e são considerados corretos, passando de geração em geração.

O estudo da linguagem surge a fim de conservar inalterada a linguagem correta das classes superiores em seu contato com os outros modos de falar dentro dessa sociedade. É este tipo de estudo que cria o que conhecemos por gramática. Ele não possuir gramática significa que o falante em questão não dominou os traços linguísticos mantidos pelas classes superiores, marca está de seu status. Este é um estudo desses traços sistemáticos, “O Estudo do Certo e Errado”.

Outro fator que determina o estudo da linguagem é o contato de uma sociedade com comunidades estrangeiras, que falam outras línguas, independe se for um contato amistoso ou hostil, buscam-se a compreensão lingüística e com isso procuram esforçar-

¹ Trabalho realizado para a disciplina de Introdução à Linguística II ministrada pelo Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues.



se para dominar essas línguas. Esse esforço não leva tecnicamente ao estudo das línguas em questão, pois as pessoas podem dominar uma língua estrangeira, seguindo uma abordagem experimental, para se obter pouco a pouco os dados lingüísticos, pois o contraste entre as línguas estimula a curiosidade humana e com isso busca através desta aprendizagem um comando satisfatório da língua estrangeira. Assim, o estudo da linguagem nasce daquelas condições básicas de intercambio lingüístico. “O Estudo da Língua Estrangeira”.

Temos o Estudo Filológico da Linguagem, que trata de estudar as formas lingüísticas escritas do passado comparando-a com a do presente, que usamos para entender textos antigos, cuja língua obsoleta não permite tal compreensão artística.

Com o desenvolvimento da ciência, surge o pensamento filosófico, pensamento este que leva a um intenso estudo da linguagem, onde pode transmitir a precisão e a sutileza do pensamento filosófico, surge à necessidade de tornar a linguagem um eficiente instrumento disciplinar da linguagem dando lugar a um tipo de estudo híbrido filosófico e lingüístico ao mesmo tempo, para os gregos “lógica”. Assim, estamos diante do Estudo Lógico da Linguagem, este estudo combina-se com O Estudo do Certo e do Errado, emprestando um colorido científico à orientação lingüística das classes superiores.

O Estudo Biológico, o desenvolvimento da ciência pode levar a um estudo das características biológicas que permitem aos homens o uso da linguagem, sendo a linguagem algo da cultura, mas depende de aspectos biológicos do corpo humano, uma criação social baseada numa predisposição biológica.

O Estudo Histórico da Linguagem, vem do conceito da sociedade humana como fenômeno histórico, vem de um novo impacto cultural sobre a linguagem, é um estudo sistemático da sociedade em suas manifestações culturais, focalizando-se na sua natureza como acontecimento histórico e social do momento. “O Estudo Descritivo e o Estudo Histórico da Linguagem constituem o profundo da ciência da linguagem ou lingüística. Em ambos, tomamos a linguagem como um traço cultural da sociedade e tentamos chegar a sua natureza, ou explicando sua origem e desenvolvimento através do tempo ou o seu papel e meio de funcionamento real na sociedade”.



A linguística começou a existir na Europa no início do século XIX sob um aspecto de um estudo histórico, A linguística não teria evoluído sem as experiências da pré-linguística e da paralinguística na Antiguidade, na Idade Média e nos Tempos Modernos antes do século XIX.

Na antiguidade o estudo da linguagem foi totalmente desenvolvido na Índia e na Grécia, com os estudos do “Certo e Errado”, “O Estudo Filosófico” e “O Estudo Filológico da Linguagem”. A principal obra sobre linguagem surgiu no século IV a.C. consiste na descrição detalhada do sânscrito por Pānini; são quatro mil estrofes ou «sutras», as quais relatam de maneira resumida e simbólica, os fenômenos lingüísticos do sânscrito. É um tipo de código simbólico baseado numa tradição gramatical e, em si mesmo, muito obscuro. Pānini e Pantañjali estabeleceram as bases da gramática normativa do sânscrito e os tratados hindus que surgiram posteriormente.

Os ocidentais tiveram acesso aos estudos lingüísticos somente no final do século XVIII, e por isso não tiveram influência no desenvolvimento do estudo da linguagem antes do advento da linguística, no século XIX.

Podemos dizer que os primeiros estudos paralingüísticos na Grécia foram através da filosofia, sendo que quase todas as escolas famosas da época incluíam a linguagem como um de seus objetos de investigação. Pode-se destacar: Heráclito; Parmênides; Demócrito; Epicuro e seus discípulos discutiam assuntos lingüísticos. Sendo que os principais estudiosos paralingüísticos da Grécia foram Platão e Aristóteles. O principal trabalho Platão que se refere a linguagem é o diálogo do Crátilo (um filósofo da linha de Heráclito). Já Aristóteles desenvolveu uma teoria lingüística baseada nas idéias de Demócrito. Depois destes filósofos, os que se interessaram mais profundamente foram os da Escola Estóica, desenvolvendo um estudo sistemático da gramática, baseado em Aristóteles, porém diferindo da sua teoria filosófica, inclusive ao que se referia a linguagem. As regras subjacentes que existem no uso da linguagem. Havia os «analogistas» e os anomalistas, os primeiros sustentavam que a linguagem é uma corrente governada por leis e indicando tais categorias por tais formas. Já os outros são de opinião que a linguagem não possui regularidade e está dominada pela arbitrariedade. Aristarco foi um notável defensor da analogia. Os Estóicos eram mais ou menos anomalistas.



Os fundamentos da gramática grega foram lançados por Aristóteles e continuados pelos Estóicos, Aristóteles via a língua através da lógica e com isso desenvolveu o estudo da linguagem, que prevaleceu até o advento da linguística.

O objetivo principal da filologia surge no período helenístico com a explanação dos textos antigos, de poetas, principalmente Homero, pois a literatura grega usava dialetos locais e velhas formas do discurso e que já eram obsoletas. Os principais filólogos do período alexandrino foram: Zenodotos (IV a III AC.); Aristarco (famoso interprete de Homero); e Apolônio Díscolo. Os romanos apesar de aceitar e aplicar ao latim, em suas linhas gerais, o estudo da língua que os gregos criaram e desenvolveram, a abordagem filosófica deu margem a uma gramática normativa mais estrita.

No momento em que a gramática grega começa a influenciar a cultura latina, o latim não era uma língua firmada e os hábitos linguísticos das classes rurais estavam em conflito com a urbana, com o crescimento do estado através de suas conquistas, crescia também a necessidade de uma única língua, tendo sob seu domínio todo o Império Romano. “A gramática latina vinha tentando, incessantemente, manter o latim clássico em face da fala plebéia e da fala provinciana das populações heterogêneas. A abordagem do «certo e errado» estava sempre em jogo e aumentava seus esforços à medida que as forças contra o latim clássico se tornavam mais poderosas”.

Em Roma o mais importante estudo, os vinte e quatro livros do De Língua Latina, de Varrão, podemos mencionar, também, Quintiliano, no século I de nossa era, e Aelius Stilo, mestre de Varrão, que trabalhou em etimologia à maneira dos Estóicos, e chegou mesmo a estender seu ponto de vista aos dialetos fora do latim. No início do século IV dC. Elio Donato escreveu sua gramática normativa do latim (Arte Menor), o modelo mais autorizado de gramática expositiva e permaneceu por duzentos anos.

No século V em Bizâncio, no reinado de Justiniano, encontramos o gramático Prisciano, que se baseou em Apolônio Díscolo, na mesma época, Santo Isidoro de Sevilha, seguindo os passos de Platão, desenvolveu em vinte livros, um amplo tratado de Etimologia.

Donato e Prisciano, se esforçavam para manter a norma do latim clássico em face da língua popular do Império. Com o surgimento das vernáculas na Idade Média, aumentou a preocupação de manter o latim puro como língua universal de cultura acima



daquelas vernáculas. A mais completa expressão da gramática latina normativa da Idade Média é a *Doctrinate Puerorum* do francês Alexandre de Villedieu, no século XII. É um manual puramente pedagógico, baseado mais no latim medieval do que no latim clássico embora seguindo as linhas gerais a gramática de Prisciano.

Entre as questões levantadas por aquelas gramáticas filosóficas da Idade Média podemos mencionar: A Gramática é uma Ciência? São os modos de significar, de compreender e de ser, idênticos? Nasceram os modos de significar das propriedades e dos objetos?

As línguas vernáculas não eram objeto de estudos normativo e especulativo, e o estudo da linguagem concentrava-se no latim. Como havia na época certa curiosidade com as línguas faladas e a necessidade de transmitir aos povos que as falavam a doutrina cristã, deu-se início ao estudo de Línguas Estrangeiras.

Com o ressurgimento do latim clássico como língua escrita dos estudiosos, e com o novo interesse pelo grego, o estudo normativo de ambas as línguas na antiguidade foi favorecido. Ao mesmo tempo, com a curiosidade do homem do Renascimento, surgiu um grande interesse pelas línguas faladas no mundo, por tudo que o cercava na natureza e na sociedade.

No século XVII a Gramática de Port-Royal, de Lancelot e Arnaud, chegou ao seu auge, e nessa época já se notava uma atenção crescente pelas línguas modernas da Europa, e o latim passa para segundo plano.

Francis Bacon em seu livro *De dignitate et Augmentis Scientiarum*, aborda a especulação filosófica, que foi muito aplicada aos estudos lingüísticos. Distinção entre gramática vulgar e a filosófica, sendo que ele define claramente a gramática filosófica como uma investigação nas relações entre as palavras e os objetos ou idéias.

As gramáticas das línguas modernas surgem à partir do século XVI, e combinam a orientação lógica e a intenção do “certo e errado” com a observação, algumas vezes aguda e acurada, dos verdadeiros fenômenos lingüísticos. As gramáticas francesas de Meigret, Roberto Estienne e Theodore Beze do século XVI e a castelhana de Antônio de Nebrija, do século XV, são exemplos das gramáticas desta época. Alguns tratados deste tipo podem ser incluídos no estudo de «língua estrangeira» já que seu propósito é ensinar uma dada língua a estrangeiros; tais são os tratados de Miège (inglês para uso de



franceses), de Percywal (espanhol para uso de ingleses), Palsgrave (Frances para o uso de ingleses) e Oudin (espanhol para uso de franceses). Sendo que nesses tratados, as asserções fonéticas são, muitas vezes, apreciáveis. Os gregos e romanos não tinham a fonética como sendo seu forte e, na Idade Média, deparamo-nos com uma completa confusão entre som e letra.

A partir do século XVI, devido o estudo das línguas vivas modernas, veio a baila, a teoria da fonética, embora rudimentar, desenvolveu-se.

Com o apoio do estudo biológico da linguagem, que se desenvolveu no século XVII, devido ao grande interesse pelos órgãos da fala e sua maneira de produzir os sons da linguagem, com este progresso foi possível utilizar no esforço humanitário de ensinar surdos-mudos a falar.

No século XVIII, foram desenvolvidas ideias mais sólidas nos estudos da linguagem do que no período anterior. O estudioso alemão Wilhelm Von Humbold, vem mais do que um mero estudo paralingüístico. Coloca-se no centro dos fenômenos lingüísticos e tenta desemaranhar a natureza e o mecanismo da linguagem, pode-se dizer que ele começou a lançar os fundamentos do estudo «descritivo» da linguagem como aspecto da lingüística propriamente dita. Apesar de ter feito pouca descrição, no sentido de tratar, sistematicamente, com dados concretos. Prefere uma serie de raciocínios acerca da linguagem em geral, alicerçando-os com exemplos das mais variadas línguas.

De seus trabalhos, o mais importante é o estudo da língua Kawi da ilha de Java, que foi publicado postumamente, como introdução a este trabalho escreveu seus famosos debates sobre a diversidade das estruturas lingüísticas e sua influencia sobre o desenvolvimento espiritual da humanidade. É neste livro que se encontram expostas suas ideias básicas sobre linguagem.

Para Humbold a língua tem forma externa e interna. Por forma externa considerava as os sons da língua, o corpo fonético do vocábulo, os recursos vocais da língua. Por forma interna, ao contrário, considerava às ideias subjacentes aqueles grupos de sons, as distinções mentais dominantes na língua, ou, em outros termos, os significados das formas lingüísticas e as categorias lingüísticas tais como número, gênero, tempo, etc., atribuindo a forma interna o papel principal.



A descoberta do sânscrito e da cultura da Índia, pela erudição europeia, resultou no domínio político da Índia por parte da Inglaterra. A respeito da Índia alguns missionários e viajantes, mais perspicazes, perceberam que havia uma relação do sânscrito e das modernas línguas hindus, ligadas a ele, com o grego e o latim, no século XVI o italiano Sasseti e o jesuíta francês Coeurdoux no século XVIII. Ao mesmo tempo, a filosofia e a religião se difundiam na Europa, principalmente pela ação dos eruditos ingleses. Tão diferente da filosofia e da religião gregas, foram um impacto sobre o pensamento europeu e contribuíram para fortalecer o Romantismo, como movimento de ideias que se opunham à influência e domínio da cultura greco-latina na Europa moderna.

Do mesmo modo, o método e as concepções da gramática do sânscrito, que, se encontrava em Pānini e seus seguidores, estimularam o espírito europeu no sentido de uma nova visão da linguagem. Vale notar que a gramática sânscrita, de um ponto de vista descritivo, via na raiz reduzida a raiz original. E os primeiros linguistas, do novo ponto de vista histórico, aceitaram em falso a forma reduzida como forma original das raízes primitivas e partiram dessa forma para reconstruir a língua primitiva de que se derivam o sânscrito, o persa, o grego, o latim, o germânico e o eslavo. Também em relação à fonética deve-se notar que a gramática sânscrita considerava a vogal essencial, porque os antigos /e/e/o/ tinham se confundido com /a/, e /e/ e /o/ secundários tinham aparecido pela monotongação (redução fonética) de /ai/ e /au/. Os primeiros linguistas, em suas perspectivas históricas, lançaram daí a teoria de que /a/ é a vogal original da linguagem humana e /e/ e /o/ são modificações secundárias dela.

Schlegel dividiu as estruturas linguísticas em duas classes, uma que abrangia o sânscrito e as línguas com ele relacionadas, e a outra correspondente a todas as outras línguas, apesar de suas descobertas o estudo linguístico não era sua grande preocupação, pois não era um linguista no sentido estrito do termo. O seu propósito era difundir a filosofia e a cultura da Índia em oposição ao domínio da filosofia greco-latina na cultura europeia. Seu intuito era fortificar o movimento do Romantismo contra o Classicismo. Foi enorme a sua influência para o advento da linguística.

August Schlegel, irmão de Friedrich Schlegel, foi professor de sânscrito na Universidade de Bonn. Ele e seu discípulo, o norueguês Christian Lassen, foram os



fundadores da filologia sânscrita na Europa. Com isso se criou o estudo filológico do sânscrito. Os vedas, antigos hinos religiosos do povo hindu e os tratados filosóficos e religiosos do Bramanismo e do Budismo passaram a ser comentados e debatidos do mesmo modo que a filologia clássica procedida em relação a Homero e aos grandes autores antigos da Grécia e Roma. A partir do século XIX, se desenvolveu com intensidade o estudo filológico do sânscrito, e também o estudo filológico das línguas da Pérsia antiga. Ao mesmo tempo continuava a filosofia greco-latina, iniciada na Renascença, e a filologia clássica fez um grande progresso na crítica dos textos, isto é, no método de comparar os diferentes manuscritos gregos ou latinos de uma obra dada para descobrir interpretações, omissões e erros de copistas. O principal avanço foi feito pelo mestre alemão Georg Curtius, que associou a filologia grega com a linguística histórico-comparativa.

O estudo filológico também se estendeu às línguas medievais da Europa, o que decorreu principalmente da importância que o romantismo dava a Idade Média e a todos os seus aspectos culturais. A linguística histórico-comparativa tinha diante de si línguas vivas modernas para relacionar a uma língua original bem conhecida, o latim.

Franz Bopp, não deu a devida importância à fonética, no seu estudo comparado dos verbos não tocou naquela parte básica da linguística. Sua preocupação primordial é com a morfologia como estudo estrutural da palavra, desenvolveu a ideia da flexão. Já Frederico Schlegel chamou a flexão tanto às partes secundárias que se juntam à raiz para constituir a palavra gramatical como as alternâncias raiz-vogal. Um processo regular nas línguas semíticas e encontrado também no latim e no grego. Bopp, ao contrário, sustentava que as partes secundárias ligadas a uma raiz são as verdadeiras flexões. De acordo com este ponto de vista, as línguas se dividiram em três grandes classes:

- I) Línguas sem organismos ou gramática, como o chinês, no qual o vocábulo é uma forma fixa e indivisível;
- II) Línguas com raízes monossilábicas que adquirem seu organismo ou gramática, por meio de composição das raízes com elementos secundários;
- III) Línguas com raízes dissilábicas e três consoantes obrigatórias, a vogal da raiz que se altera para exprimir noções gramaticais. Nessa última classe se colocou,



exclusivamente as línguas semíticas, separando-as tipo logicamente das línguas indo-européias, que veio incluir uma secunda classe.

Apesar de suas deficiências temos que atribuir a Bopp o mais importante papel neste tipo de abordagem, ele abriu caminho para o desenvolvimento de dois aspectos da ciência da linguagem ou linguística propriamente dita - O Estudo Histórico da Linguagem.

Jacob Grimm, estudante de direito, sobre a influência do Romantismo, dedicou-se à poesia germânica da Idade Média, avançou um pouco mais no estudo histórico da linguagem, atendo-se as línguas germânicas da família descoberta por Bopp. Pouco a pouco, entretanto, embrenhou-se no estudo da linguagem e seu novo interesse era evidente na revisão que fez da gramática islandesa de Rask. Por tomou a tarefa de escrever uma gramática comparada das línguas germânicas que haviam tido um tratamento muito superficial na gramática comparada de Bopp a qual abrangia todo o campo das línguas indo-européias. Deu também especial atenção ao gótico, a antiga língua dos Godos Orientais, a fonética também teve atenção especial, pois foi o primeiro linguista a desenvolver um tratamento sistemático da mudança fonética em face do estudo comparado das línguas germânicas. Apesar de ter cometido o erro de dizer que as vogais a, i e u são vogais verdadeiras e que o e, são modificações do a, como já vimos, esta visão errada foi sugerida aos primeiros linguistas pelo sistema vocálico do sânscrito. Ele próprio buscou uma explanação simbólica para a escolha das vogais, era um erro grosseiro, naturalmente, mas apesar disso era afirmação em lugar do modo preciso pelo qual, antes dele, eram encaradas as mudanças fonéticas. Além disso, com sua teoria do Ablaut, Grimm foi capaz de dividir os verbos germânicos, com muita exatidão, em duas grandes classes de acordo com o modo de exprimir o passado (verbos fracos e verbos fortes). Até os dias de hoje são aceitos e empregados nas gramáticas alemãs. Também estabeleceu regras fonéticas de divergência entre as consoantes no germânico e as consoantes da mesma raiz em outras línguas da família (metafonia), primeira lei fonética que a principiante ciência da linguagem desenvolveu e se tornou conhecida com o nome de Lei de Grimm.

Mas é inegável que, com sua explanação do Umlaut, sua teoria do Ablaut e sua Lei da mudança consonantal, Grimm mostrou uma sistematização das mudanças



fonéticas que seria o ponto de partida para a elaboração do estudo histórico da linguagem em linhas científicas e mais firmes.

Até meados do século XIX, a linguística comparativa do indo-europeu era a principal preocupação da linguística e, através deste estudo comparado, os linguistas fizeram progressos e observações acerca da linguagem em geral, fora do indo-europeu, outros campos da linguística tem sido explorados desde o advento da linguística comparativa, na década de vinte, o estudioso alemão Julius Von Klaproth trabalhou com línguas da Ásia em geral, já o estudioso húngaro Gyarmathi abordou no último ano do século XVIII, antes do advento da gramática comparativa do indo-europeu, a família fino-úgrica, com isso provou o parentesco do húngaro, ou magiar, com o finlandês. Nos primeiros anos do século XIX, Rask estudou profundamente o finlandês e o lapão, fazendo a primeira classificação das línguas, fino-úgricas, as línguas semíticas, muito semelhantes em suas estruturas, eram conhecidas como aparentadas. Em meados do século XIX, Theodor Benfey, alargou o campo da linguística semítica enfatizando o parentesco das línguas semíticas com o egípcio. Surgiu assim uma grande família de línguas chamada camito-semítica, na qual o camito é uma denominação ampla para uma série de línguas muito diferentes umas das outras entre as quais se encontram o antigo e o moderno egípcio como derivados do Cam, o filho amaldiçoado de Noé, conforme a Bíblia. No início o camítico era visto bem distante do semítico, como era chamado, pois o árabe e as línguas com ele relacionadas eram atribuídos a Sem, o outro filho de Noé.

Na França, havia um grupo de estudiosos sem qualquer conhecimento em linguística, defendendo o celta como a língua-mãe da Europa, mas foi o professor alemão John Zeuss que iniciou o estudo do celta através da gramática céltica, escrita em latim nos meados do século XIX.

O latim as línguas dele derivadas tem sido focos desde o advento da linguística histórica. Augusto Schlegel escreve desde o início sobre a língua e a literatura do sul da França, no início esta língua sulista foi chamada de provençal, foi considerada como primeira língua diretamente originária do latim na Idade Média e pensou-se que todas as línguas românicas fossem derivadas dela. Já para o estudioso alemão Friedrich Diez criou, em linhas exatas, o ramo da linguística românica comparativa, e viu também que as línguas românicas não poderiam ser derivadas do latim clássico, e chegou-se ao latim



vulgar, por meio de método comparativo, desenvolvidos por lingüistas indo-europeus como, Bopp; Grimm e seus seguidores.

August Pott, concentrou seus interesses em etimologia e seu maior mérito foi a ênfase que deu a fonética e a derivação vocabular, lacuna deixada por Bopp, deixou de lado a morfologia dos substantivos e do verbo, assuntos estes que tinham sido exaustivamente estudados.

Para Bredsdorff, a indolência era atribuída como a principal causa de mudanças de pronúncia de uma língua, e para ele eram sete as causas: 1) má audição e compreensão imperfeitas; 2) recordação falha; 3) imperfeição dos órgãos; 4) indolência; 5) tendência à analogia; 6) desejo de ser socialmente distinto; 7) necessidade de exprimir novas idéias, para ele a Teoria do Menor Esforço, também enfatizava a influência que as línguas estrangeiras podem exercer nos falantes de uma língua com a qual estejam em contato.

Os estudiosos alemães A. Holtzmann e L. Boenloew trouxe uma melhora às teorias dos lingüistas fundadores da lingüística comparativa do indu-europeu, focalizaram o estudo do acento, ou intensidade, e sua influência nas mudanças fonéticas, o acento nas línguas indo-europeias tanto antigas como modernas. Aventou também a possibilidade do Ablaut ter sido condicionado pelo acento.

Max Müller filólogo sanscritista, nasceu na Alemanha, mas aos vinte e cinco anos foi para a Inglaterra, onde permaneceu até sua morte, na Universidade de Oxford fundou o estudo da linguística, sob o nome de filologia comparada, dedicou-se a história das religiões, associou à linguística a religião, por enfatizar o equívoco no uso e significado das palavras como causa da crença dos homens em Deus, tornou a linguagem mais popular e familiar ao leitor leigo, por se expressar de maneira fácil e clara. Na classificação das línguas, deixou de lado a construção metafísica, e aplicou os tipos isolantes, aglutinante e flexivo às línguas históricas da humanidade, tentou atribuir a tripartição uma importância sociológica, atribuindo o tipo isolante ao «estágio familiar» da sociedade o tipo aglutinante ao «estágio nomédico» e o tipo flexivo ao «estágio político» correspondendo a sociedade humana desde as civilizações clássicas da Antiguidade. Mas seu papel mais importante é ter desenvolvido uma teoria geral da linguagem, sob o aspecto histórico, na base da gramática comparativa indo-europeia.



Frederik Münter, George Grotefend, Rasmus Rask e Christian Lassen contribuíram de maneira decisiva para decifram a escrita cuneiforme nos primeiros anos do século XIX, das antigas inscrições persas. Também Hindks, Rawlison e Oppert deram sua contribuição. Com isso, também proporcionaram o reconhecimento na Mesopotâmia de uma língua diferente o sumério.

A decifração dos hieróglifos egípcios foi iniciada pelo francês François Champollion. O problema de idealizar alfabetos amplos que transcrevessem as línguas escritas em formas não românicas recebeu, então, atenção especial, com isso aguçou o conhecimento fonético dos linguistas, pois eram obrigados a encontrar símbolos que indicassem sons inexistentes em suas línguas de origem. A fonética desenvolveu nos meados desse século através de um estudo biológico da linguagem. Através dos estudos prematuros do alemão K.N. Rapp da filosofia dos órgãos da fala, pois os mesmos não tinham sido estabelecidos ainda, com este estudo mais tarde desenvolveu-se um estudo paralingüístico, por físicos e biólogos.

Helmholtz estudou a produção e a natureza das vogais; Czermak, fisiólogo tcheco, demonstrou o papel importante das cordas vocais na produção da voz humana e a importância do movimento do véu palatino para a nasalização. Brücke fez uma análise da articulação na maioria das Línguas Europeias Modernas, com uma visão crítica dos sistemas fonológicos do grego, sânscrito e árabe. Já o professor Alexander Bell escreveu um tratado que estuda, de maneira clara, as posições da língua em relação ao palato e o arredondamento e não arredondamento dos lábios, transcrição fonética, no qual os sons das vogais não correspondem às letras do alfabeto, mas são representantes visíveis dos órgãos da fala e seus movimentos. O ponto fundamental da investigação paralingüística ocorreu quando o estudioso alemão Eduard Sievers, escreve Fundamentos da Fisiologia Vocal. Esta mudança é significativa, porque assinala o advento da disciplina fonética, separada da fisiologia e colocada sob o domínio da linguística.

Foi à fonética que levou a linguística a se dar conta da necessidade do conceito de sons vocais independentes de letras e, para representá-los, foi idealizado um processo fora da escrita comum, processo este que veio a se chamar transcrição fonética.

Com a revisão da gramática comparativa do indo-europeu, por uma nova geração de linguistas alemães na década setenta do século XIX, modificou-se a



classificação das línguas; dava-se agora uma divisão em duas partes das quais, uma abrangia as assim chamadas línguas ocidentais (Germânico, Ítalo-Céltico, Grego) e a outra, as assim chamadas línguas orientais (Indo-Iraniano, Armênio, Albanês e Balto-Eslavo). A modificação teórica básica, porém, foi na maneira do desenvolvimento daqueles grupos oriundos de uma protolíngua unitária. Johannes Schimidt lançou a Teoria das Ondas, acentuou que um determinado grupo indo-europeu mostra muitas semelhanças com mais de um grupo. A consequência da teoria de Schmidt foi conceber as línguas indo-europeias como uma cadeia fechada.

Segundo o alemão Wilhelm Scherer as mudanças fonéticas que podemos observar na história documentada das línguas procedem de acordo com as leis fixas que não sofrem qualquer distúrbio salvo em concordância com outras leis, ideia de um grupo de linguistas, chamado “Os Neogramáticos”. Movimentos estes inspirados pelas ideias de Wilhelm, que advogava leis fixas na mudança fonética, enfatizava a importância da fonética para o estudo histórico da linguagem, reprovava a orientação filosófica hegeliana, e apelava para a experiência, como a verdadeira fonte, em existência, do conhecimento linguístico. Os principais representantes do movimento neogramáticos foram: Karl Brugmann, Hermann Osthoff, Berthold Delbrück, Jakob Wackernagel e Hermann Paul e August Leski aderiu a eles, assim como, o italiano Graziadio Ascoli. Os movimentos dos neogramáticos teve, desde o início, um caráter polêmico. Surgiu, num barulhento comunicado, contra métodos mais antigos de linguística comparativa. Podemos resumir, então, o ponto de vista teórico do movimento neogramático enfatizando seus dois pontos centrais: 1) A teoria da mudança fonética e da analogia tal como lançadas por Brugmann; 2) o suporte da psicologia individual para elucidar a causa da mudança linguística (Paul).

As oposições do ponto de vistas que a doutrina dos neogramáticos encontrou desde o começo, pode-se resumir em três itens: 1) interpretação psicológica da linguagem tal como concebida por Hermann Paul; 2) a teoria das leis fonéticas e sua contraparte baseada em analogia, que foi o grito de guerra contra os linguistas mais velhos no famoso prefácio de Brugmann (pedra fundamental da doutrina linguística neogramática; 3) e a postulação de que o estudo científico da linguagem fosse um estudo



exclusivamente histórico ou, em outras palavras, que a linguística nada mais era senão uma teoria científica de mudança linguística.

Foi no estudo das línguas românicas que a abordagem dos neogramáticos teve sua maior significação, foi ao mesmo tempo nesse estudo que as mais importantes objeções contra as linhas essenciais da doutrina neogramática foram emitidas. A linguística românica, isto é, o estudo histórico comparativo das línguas românicas, derivadas do latim, é da maior importância na História da Linguística. No caso das línguas românicas, na realidade, temos uma subfamília de línguas cujos estágios, mais antigos, podem ser facilmente conhecidos e cuja protolíngua, o latim tem sido desde o início objeto intenso estudo dentro da cultura europeia.

A teoria da mutação de Gilliéron da seguinte maneira: Existe uma incessante destruição no corpo fonético dos vocábulos através de condições práticas de intercâmbio entre os homens; os vocábulos se desgastam tais como os seres humanos nas vicissitudes de suas vidas. Daí as homonímias, paronímias, choques fonéticos que tornam o intercâmbio linguístico inadequado e deselegante. A língua procura remediar esta situação por um tipo de terapêutica, cujos processos-chave são o empréstimo e as criações por analogia. Suas ideias exerceram profunda influência entre os linguistas franceses.

A geografia linguística é a nova abordagem ao estudo histórico comparativo, em vez de ter que recorrer aos textos antigos, o investigador apenas focaliza os aspectos vivos, contemporâneos da língua «reconstrução interna». Vimos como o estudo geral da linguagem pouco a pouco se desenvolveu na base dos estudos comparativos do indo-europeu. Os trabalhos de Max Müller e de Whitney como os principais exemplos desta nova visão linguística, já as sínteses de Schmidt e Trombetti, embora este último visasse mais a uma gramática comparativa geral.

Ferdinand de Saussure, como um indo-europeísta seguiu, em toda linha, a doutrina dos neogramáticos embora se distinguindo como um pensador original no tratar de aspectos críticos da gramática comparativa do indo-europeu, sendo que o primeiro problema de linguística geral de Saussure focalizou dizia respeito à natureza da linguagem. Encarava-a como um sistema de signos. Considerava a linguística, portanto, como um aspecto de uma ciência mais geral, a ciência dos signos, ou “Semasiologia”,



só que Saussure não se detinha na semasiologia geral. Achava que a língua, como o mais elaborado e completo meio humano de usar sinais. Dessa maneira a linguística era, para ele, uma ciência particular dentro da ciência geral dos sinais, podendo ser a base para aquela ciência geral que estava ainda para ser erigida. Devida a sua natureza simbólica, a língua lhe parecia como uma identidade abstrata, resultante da relação que uma comunidade estabelecia entre os complexos de sons vocais e os outros conceitos. Saussure propôs esta ideia distinguindo, de um lado, o que chamou de significante e de outro, de «significado». Uma forma fonética, ou significante, relaciona-se a um conceito ou feixe de ideias, o significado, e desta relação resulta a forma linguística. Uma importante visão de Saussure para o desenvolvimento da análise linguística foi sua interpretação da língua como um sistema bem organizado. Resumindo a importância das ideias de Saussure na história da linguística, teremos: 1) há uma linguística descritiva ao lado de uma linguística histórica e a explicação da mutação nada tem a ver com os fatos sincrônicos dela resultantes; 2) ambos esses assuntos devem focalizar a linguagem como um padrão, abstrato, subjacente aos atos do discurso; 3) as formas linguísticas que constituem esse padrão nada mais são do que a relação entre o significante e o significado, isto é, entre complexos sonoros e o que eles significam; 4) essa relação é arbitrária ou, em outras palavras, não existe uma associação natural entre sons vocais e os conceitos por eles expressos; 5) a linguística, dessa forma, é a ciência de uma série de sinais vocais e um aspecto particular de uma ciência geral de sinais ou Semasiologia. Apesar de que de todas essas ideias, só a primeira foi nítida e coerente as outras tiveram que ser debatidas, ampliadas e esclarecidas, nos trabalhos de seus discípulos.

A Linguística Geral é uma ciência relativamente recente: seu impulso e desenvolvimento datam apenas da primeira metade do século XX; entretanto, sua origem encontra-se nessa renovação dos estudos acerca da linguagem que resultou do século passado na constituição da gramática comparada. Nascida no momento em que todos os domínios, se desenvolvia um novo método científico, atingiram em casos favoráveis como o das línguas indo-europeias, resultados seguros, e forneceu a nossa disciplina os fundamentos técnicos indispensáveis.



Edição nº 27 – 1º semestre de 2019

Artigo recebido até 15/01/2019

Artigo aprovado até 15/02/2019

Referências Bibliográficas

CÂMARA Jr, Joaquim Mattoso. **História da Linguística**. Tradução: Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. Prefácio de Albertina Cunha. – 7. Ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.